

Maria

- . a crente
- . a evangelizadora
- . «a mãe do meu Senhor»
- . portadora de alegria

Visitação. El Greco. (c. 1610-1613).
Óleo sobre tela. 96 cm x 72,4 cm.
Dumbarton Oaks, em Georgetown (Washington D.C.)



traços de maria

A visita de Maria a Isabel

permite ao evangelista Lucas colocar em contacto João Baptista e Jesus antes inclusive de terem nascido. A cena está carregada de uma atmosfera muito especial. As duas vão ser mães. As duas foram chamadas a colaborar no plano de Deus. Não há homens. Zacarias ficou mudo. José está surpreendentemente ausente. As duas mulheres ocupam toda a cena.

Maria chegou depressa desde Nazaré e converte-se na figura central. Tudo gira em torno dela e do seu Filho. A sua imagem brilha com uns traços mais genuínos que muitos outros que lhe foram acrescentados posteriormente a partir de atributos e títulos mais afastados do clima dos evangelhos.

- **Maria, «a mãe do meu Senhor».** Assim o proclama Isabel aos gritos e cheia do Espírito Santo. É certo: para os seguidores de Jesus, Maria é, antes que nada, a Mãe do nosso Senhor. Este é o ponto de partida de toda a sua grandeza. Os primeiros cristãos nunca separam Maria de Jesus. São inseparáveis. *«Bendita por Deus entre todas as mulheres»*, ela oferece-nos Jesus, *«fruto bendito do seu ventre»*.
- **Maria, a crente.** Isabel declara-a ditosa porque *«acreditou»*. Maria é grande não apenas pela sua maternidade biológica, mas por ter acolhido com fé a chamada de Deus para ser Mãe do Salvador. Soube escutar Deus; guardou a Sua palavra dentro do seu coração; meditou; pôs em prática cumprindo fielmente a sua vocação. Maria é Mãe crente.
- **Maria, a evangelizadora.** Maria oferece a todos a salvação de Deus que acolheu no seu próprio Filho. Esse é o seu grande mistério e o seu serviço. Segundo o relato, Maria evangeliza não só com os seus gestos e palavras, mas porque além onde se vai leva consigo a pessoa de Jesus e o Seu Espírito. Isto é o essencial do ato evangelizador.
- **Maria, portadora de alegria.** A saudação de Maria contagia a alegria que brota do Seu Filho Jesus. Ela foi a primeira a escutar o convite de Deus: *«Alegra-te... o Senhor está contigo»*. Agora, desde uma atitude de serviço e de ajuda a quem a necessita, Maria irradia a Boa Nova de Jesus, o Cristo, a quem sempre leva consigo. Ela é para a Igreja o melhor modelo de uma evangelização gozosa.

a virgem amamentando, uma velha tradição cristã

O Papa Francisco ressuscitou a devoção à “*Virgem do Leite*”, que surge nas primeiras comunidades cristãs, ao pedir que as mães amamentem os seus filhos onde quer que estejam. Das catacumbas romanas, no século III, até às representações modernas, em pleno século XX, todos os estilos pictóricos e escultóricos imortalizaram a Virgem Maria amamentando o seu filho. A Igreja, provavelmente, herdou esta devoção à Virgem do Leite da Deusa Mãe do paganismo romano, para a integrar no cristianismo, assim como escolheu o 25 de dezembro como o dia do nascimento de Jesus, quando esta era uma data dedicada ao deus Sol. A Virgem dando de mamar ao filho foi, com certeza, um reflexo da deusa Íris amamentando o seu filho Hórus.



A devoção a **nossa Senhora do Leite**, ainda, hoje em dia, permanece bem viva em Belém, onde há um lugar no qual, segundo a tradição dos evangelhos apócrifos, a Sagrada Família, no seu caminho de fuga de Herodes, parou, para que Maria desse o peito a Jesus. Segundo a tradição, uma gota de leite caiu sobre a rocha em que ela estava sentada, fazendo com que esta ficasse branca. A devoção fez com que os fiéis, tanto cristãos como muçulmanos, usassem pedaços daquela rocha para pedir que as mães tivessem bom leite para amamentar os seus filhos.

É verdade que, a partir do Concílio de Trento, houve papas que tentaram cobrir o peito de algumas imagens da Virgem a amamentar, mas isso nunca chegou a ser uma regra na Igreja. Hoje, o Papa Francisco não só não considera constituir qualquer tipo de violência ou escândalo sexual para os homens, o facto de uma mãe saciar em público a fome do seu bebé, como até tem estimulado que isso seja feito na Igreja, sem elas precisarem de sair se estiverem a assistir à missa. É do Papa Francisco a seguinte oração: “*Damos graças ao Senhor pelo dom do leite, e rezamos por aquelas mães – tantas são, infelizmente, – que não podem dar de comer aos seus filhos*”. O papa foi mais longe, ainda, atribuindo um valor religioso ao gesto de amamentar, ao comparar o leite materno à palavra de Deus: “*O que o leite é para o corpo, é a palavra de Deus para o espírito*”.

Na literatura mística cristã, há relatos de que a Virgem apareceu a alguns santos e lhes ofereceu o leite do seu peito, como simbolismo de infusão de sabedoria. É famoso, a esse respeito, o óleo sobre tela da Virgem, oferecendo um jorro do seu leite a São Bernardo, que pode ser apreciado no Museu do Prado, em Madrid. O peito materno só pode ser um dom, e nunca uma tentação sexual. Evoca a nutrição e é um hino à vida. Até mesmo nas missões, a Igreja optou por respeitar os costumes e a cultura dos vários países em que, como na África, há comunidades indígenas, onde as mulheres andam com os seios nus e amamentam em qualquer altura e local.

Ao proceder deste modo, o Papa Francisco está a devolver à Igreja a parte mais original e terna do primeiro cristianismo, isto é, o amor e o respeito pelo ato materno de alimentar a vida. [...].

Juan Arias. Jornalista. Publicado por *El País*, 05.09.2017.

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/05/opinion/1504623300_823162.html

cercado pelo natal...



Um presépio feito com "bonecos de Estremoz", pelas irmãs Maria Inácia e Perpétua Fonseca, conhecidas como "Irmãs Flores". Os "bonecos de Estremoz" têm mais de 300 anos de história e foram o primeiro figurado do mundo a merecer a distinção de Património Cultural Imaterial da Humanidade, o que aconteceu em Dezembro de 2017. Foto de arquivo. Créditos Nuno Veiga / LUSA

Aos 350 anos de idade Jesus Cristo descobre que decidiram que o dia incerto em que tinha nascido era o mesmo do dia do Deus Sol em que os pagãos comemoravam o solstício de Inverno, com os grandes festivais de trocas de presentes e folias das Saturnálias, dos madeiros de um grande festival na Escandinávia, das festas germânicas, etc. Festivais de inverno, as festas mais populares em muitas culturas, foram disciplinados pelos continuadores da sua doutrina até se converterem aos dogmas que a alicerçavam e o 25 de Dezembro, dia de Natal se impor como uma verdade histórica incontroversa.

Muito mais tarde, passados quase mil anos, um frade católico italiano, futuro santo que se iria juntar aos outros que decoravam, alegrando-as, as igrejas, Francisco de Assis, pediu

permissão do Papa para lhe montar um cenário de nascimento. Inventou o presépio. Ficou Jesus jazendo entre palhas, de um lado o pai que não era pai, do outro a mãe virgem mesmo pós-parto, mais um burro e uma vaca. Cenário austero que serviu de pano de fundo para uma Missa de Natal, em Assis. Foi um sucesso que rapidamente se estendeu a toda a Itália, das casas nobres às mais pobres. Foi exportado para a Europa e daí para o mundo, enquanto crescia o número de figurantes, reis magos, oficiais de vários ofícios e muita bicharada. Com tal sucesso as religiões cristãs chegaram ao consenso de o Presépio ser o único símbolo de Natal inspirado nos Evangelhos. A popularidade do Presépio universalizou-se. Construíam-se dos mais singulares, despidos de grandes ornamentações, aos mais

barrocamente luxuosos. Alguns eram mesmo peças artísticas.

Com tanta festa e festança o Natal começa a ser comemorado por crentes e não crentes, o que muito estimulou o comércio impulsionado pelos apelos dramáticos das campanhas publicitárias para levarem o consumo nessa época a um pico. O furor é tal que, no princípio do século XX, dois norte-americanos agarram noutro santo (São Nicolau, Saint Nicholas ou Santa Claus, conforme a língua em que o seu nome é pronunciado), que andava quase incógnito fora do seu território de origem a distribuir parcamente prendas natalícias, para o reinventarem no Pai Natal. A partir daí foi sempre a acelerar, os trenós cheios de presentes que invadiram sem perca de tempo nem contemplações os presépios e outras representações para se impor como a imagem por excelência do Natal. Nunca mais os pais natais pararam de correr pelas autoestradas do comércio, distribuindo promessas de compras, descontos, cupões, promoções, acenando quando encontram o menino, enterrado em cenários cada mais vez mais raros e kitsch, atónito com aquele frenesi e que se encolhe nas palhas com medo de ser atropelado numa daquelas desenfreadas correrias.

Com tantas luminárias, canções, decorações, flamejantes declarações de espírito natalício sobretudo os que as usam como detergente para lavar más consciências, até mesmo os mais resilientes a esses tornados se esquecem mesmo sem esquecer que o natal é quando um homem quiser, como escreveu Ary dos Santos:

*Tu que dormes à noite na calçada do relento
numa cama de chuva com lençóis feitos de*
[vento

*tu que tens o Natal da solidão, do sofrimento
és meu irmão, amigo, és meu irmão*

*E tu que dormes só o pesadelo do ciúme
numa cama de raiva com lençóis feitos de lume
e sofres o Natal da solidão sem um queixume
és meu irmão, amigo, és meu irmão*

*Natal é em Dezembro
mas em Maio pode ser
Natal é em Setembro
é quando um homem quiser
Natal é quando nasce
uma vida a amanhecer
Natal é sempre o fruto
que há no ventre da mulher*

*Tu que inventas temura e brinquedos para dar
tu que inventas bonecas e comboios de luar
e mentes ao teu filho por não os poderes*
[comprar
és meu irmão, amigo, és meu irmão

E tu que vês na montra a tua fome que eu não
[sei
*fatias de tristeza em cada alegre bolo-rei
pões um sabor amargo em cada doce que eu*
[comprei
és meu irmão, amigo, és meu irmão

Corria o belo ano de 1975, cheio de esperança revolucionária e a fraternidade do trabalho nos corações e nas bocas – em alguns, infelizmente, apenas nas bocas – quando Ary dos Santos escreveu «**Quando um homem quiser**», que Fernando Tordo musicou para Paulo de Carvalho interpretar. Paulo de Carvalho gravou a versão original em 1991, que o leitor pode ouvir aqui:

<https://youtu.be/mlXOZkiTckQ>

Apesar dos avisos do poeta, se é dos que acaba por ceder aos impulsos deste mês de natal e o aproveita para oferecer uma prenda a alguém – todos acabamos por, de um ou outro modo, o fazer – prefira

livros e discos. São prendas que se libertam das datas em que são oferecidas, adquirem intemporalidade.

Sem comentários, uma lista de sugestões. Lista em que os únicos representados são autores portugueses, não por patriotismos sem sentido, mas para contribuir para a cultura que este ano, mais uma vez, foi um resto, uma sobra no Orçamento de Estado, muito abaixo do mínimo exigível: o 1% para a Cultura.

Dos discos...

Na música sinfónica: *À Portuguesa, Concertos e Sonatas Ibéricas*, Orquestra Barroca da Casa da Música, direcção e cravo Andreas Staier; *From Barroco to Fado*, Os Músicos do Tejo, cantam Ana Quintans e Ricardo Ribeiro, direcção Marcos Magalhães; *Música Portuguesa para Quarteto de Cordas*, de Luís Freitas Branco e Viana da Mota, e *Lições do Trio Lacerda*, pelo Quarteto Lacerda; *Música portuguesa séc XVIII-XIX*, Orquestra Sinfónica, maestro Álvaro Cassuto; *Sinfonias n.º 3 e n.º 6*, de Joly Braga Santos, Orquestra Sinfónica, maestro Álvaro Cassuto; *Songs and Folk Songs*, de Fernando Lopes-Graça, por Susana Gaspar, soprano, Cátia Moreso, mezzo-soprano, Fernando Guimarães, tenor, e Nuno Vieira de Almeida, piano.

https://youtu.be/Chme9sWxGCK?list=PL2vB_AV-X-cqS2VdbGqFsgV_v_A2LH18-

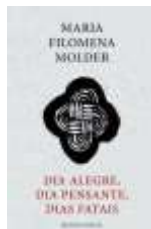
Noutras músicas, uma selecção muito variada: *10 Anos de Música Tradicional Portuguesa*, Galadun Galundaina; *Terra-Antologia 1972-2006*, dos Ganhões de Castro Verde; *Dentro desse Mar*, Quarteto de Concertinas com a

participação vocal de Zélia Duncan, Carminho e Dora Morelenbaun; *Concerto em Frankfurt/Invenções Livres/Espelho de Sons/Asas sobre o Mundo*, de Carlos Paredes; *Canto de Boca*, de Sérgio Godinho; *Sempre*, de Kátia Guerreiro, e *Dos Amores e dos Dias*, de Camané, ambos com produção de José Mário Branco.

...e dos livros

Livros numa selecção de edições mais recentes, percorrendo vários géneros:

Anatomia Comparada dos Animais Selvagens, de António Cabrita; *A Foz em Delta*, de Manuel Gusmão, *Obra Poética*, de António Ramos Rosa; *Aquele Grande Rio Eufrates*, de Ruy Belo; *Uma Biblioteca contra o Inferno*, de João Oliveira Duarte; *As Pessoas do Drama*, de H. G. Cancela; *Descrição Guerreira e Amorosa da Cidade de Lisboa*, de Alexandre Andrade; *Nocturno Europeu*, de Rui Nunes; *Um Bailarino na Batalha*, de Hélia Correia; *A Nossa Alegria Chegou*, de Alexandra Lucas Coelho; *Cinco Meninos, Cinco*



Ratos, Gonçalo M. Tavares; *Dia Alegre, Dia Pensante, Dias Fatais*, de Maria Filomena Molder. Sempre de lembrar que [Maria Judite Carvalho](#) e [Fernanda Botelho](#)

estão a ser reeditados.

Muita música e muita literatura ficaram certamente esquecidas, tape os buracos negros destas sugestões contaminadas pelo natal.

Manuel Augusto Araújo. Arquitecto (15.12.2018). Escreve regularmente sobre artes e arquitectura. Aprendeu a ler muito cedo, a partir daí não parou de ler, ouvir e ver.

ONDE ESTÁ DEUS?

Legenda para pensar nos dias de Natal.

É atribuída a Lutero, o grande reformador no século XVI.

E RA UMA VEZ UM HOMEM MUITO PIEDOSO. Ele queria já neste mundo chegar ao céu. Por isso se empenhava em fazer mais e mais obras de piedade, de caridade e de humildade. Assim que chegou, em fim, ao alto da escada da perfeição. Num certo dia, depois de grande devoção, subiu tanto que sua cabeça penetrou no céu.

Olhou em volta e ficou muito dececionado.

Pois o céu estava escuro, vazio e frio.

É que Deus estava na Terra, numa manjedoura, tiritando de frio e no meio de animais.

Lição da história: devemos buscar Deus lá onde Ele verdadeiramente está, no meio dos pequenos, dos pobres e dos invisíveis. E onde ele está, lá é o céu mesmo que seja num estábulo, de noite e no frio junto com animais.

Leonardo Boff



Anunciação de Cestello (det.) | Sandro Botticelli | 1489-90 |
Galeria dos Ufizi, Florença, Itália

MARIA E O ANJO

- Não sei o que queres
da minha vida
porque vens até mim

a anunciares-me
pretendendo assim
o impossível

E Maria olha o anjo
em contra-luz
as asas cintilando e os pés nus

sendo tanta a beleza
e a voragem
que a deixam prisioneira

à própria imagem

Maria Teresa Horta

Anunciações – Um romance. Publicações Dom Quixote--Lx 2016